



**Universidade Federal de Ouro Preto
Centro de Educação Aberta e a Distância
Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas**



Lilian Aparecida Santana

**AUTOESTIMA E DESEMPENHO ESCOLAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA ENTRE O FAZER PEDAGÓGICO E A
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

**Viçosa/MG
2025**

Lilian Aparecida Santana

**AUTOESTIMA E DESEMPENHO ESCOLAR: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA ENTRE O FAZER PEDAGÓGICO E A
INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro de Educação a Distância da Universidade
Federal de Ouro Preto como pré-requisito para a
obtenção do título de Especialização em Práticas
Pedagógicas.

**Viçosa/MG
2025**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S232a Santana, Lilian Aparecida.

Autoestima e desempenho escolar [manuscrito]: um relato de experiência entre o fazer pedagógico e a intervenção psicopedagógica. / Lilian Aparecida Santana. - 2025.
31 f.

Orientador: Prof. Dr. William Fortes Rodrigues.

Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro Preto. Centro de Educação Aberta e a Distância.

1. Educação - Desempenho escolar. 2. Psicologia educacional. 3. Pedagogia crítica. 4. Educação - Educação socioemocional. 5. Autoestima. I. Rodrigues, William Fortes. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
CENTRO DE EDUCACAO ABERTA E A DISTANCIA - CEAD



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lilian Aparecida Santana

"AUTOESTIMA DE DESEMPENHO ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ENTRE O FAZER PEDAGÓGICO E A INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA"

Monografia apresentada ao curso de Práticas Pedagógicas da Universidade federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Pedagógicas.

Aprovada em 17 de Julho de 2025.

Membros da banca

Prof .Dr.William Fortes Rodrigues-orientador
Profa. Me.Beatriz Latini Gomes Neta
Profa. Dra. Isabela Aparecida Mendes

Prof. Dr. Solano de Souza Braga, Coordenador do Curso, aprovou a versão final e autorizou se depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Cursos da UFOP em 09/09/2025



Documento assinado eletronicamente por **Solano de Souza Braga, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/09/2025, às 09:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0975817** e o código CRC **CE10E19A**.

Referência: Caso responda este Documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.011408/2025-61

SEI nº 0975817

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3559-1355 - www.ufop.br

RESUMO

Este estudo apresenta um relato de experiência sobre a influência da autoestima no desempenho escolar, articulando fundamentos teóricos e práticas pedagógicas e psicopedagógicas. A pesquisa, de natureza qualitativa e abordagem descritiva, foi construída a partir da trajetória profissional da autora como professora e psicopedagoga clínica, com observações realizadas desde 2014. O trabalho reúne percepções de famílias, professores e coordenadores pedagógicos, além de exemplos de intervenções pedagógicas e psicopedagógicas voltadas ao fortalecimento da autoestima dos estudantes. Os resultados apontam que a autoestima exerce papel central na motivação, na persistência e no engajamento escolar, sendo determinante para o desenvolvimento integral do aluno. Conclui-se que práticas educativas humanizadas, ambientes acolhedores e a parceria entre escola e família são essenciais para promover a autoconfiança, potencializar a aprendizagem e favorecer relações socioemocionais saudáveis.

Palavras-chave: Autoestima. Desempenho escolar. Psicopedagogia. Práticas pedagógicas. Educação socioemocional.

ABSTRACT

This study presents an experience report on the influence of self-esteem on academic performance, articulating theoretical foundations and pedagogical and psychopedagogical practices. The research, qualitative in nature and descriptive in approach, was constructed based on the author's professional trajectory as a teacher and clinical psychopedagogue, with observations conducted since 2014. The work brings together perceptions of families, teachers, and pedagogical coordinators, as well as examples of pedagogical and psychopedagogical interventions aimed at strengthening students' self-esteem. The results indicate that self-esteem plays a central role in motivation, persistence, and academic engagement, being crucial for the student's overall development. It is concluded that humanized educational practices, welcoming environments, and a partnership between school and family are essential to foster self-confidence, enhance learning, and foster healthy socioemotional relationships.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	A relação entre Autoestima e Aprendizagem Educacional: conceitos importantes.....	3
2	METODOLOGIA.....	5
3	DESENVOLVIMENTO.....	7
3.1	Descrição da Experiência	7
3.2	A Visão das Famílias, Educadores e Educandos	8
3.2.1	A Visão das Famílias	9
3.2.2	A visão dos professores.....	15
3.2.3	A visão das Coordenadoras Pedagógicas.....	17
3.3	Exemplos práticos de intervenções psicopedagógicas e pedagógicas.....	19
3.4	Dificuldades e Desafios	21
4	RESULTADOS OBSERVADOS	22
5	REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	25

1. INTRODUÇÃO

A autoestima, definida como a avaliação subjetiva que a pessoa faz de si mesma, influencia diretamente o comportamento, as emoções e as interações sociais do indivíduo (COOPERSMITH, 2002). No ambiente escolar, esse aspecto psicológico é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento global do aluno, afetando diretamente sua motivação, autoconfiança, persistência e desempenho acadêmico (BORUCHOVITCH, 2001). Crianças com autoestima positiva tendem a se envolver mais nas atividades escolares, sentem-se mais seguras para participar e enfrentam os desafios com maior disposição.

Del Prette e Del Prette (2001) ressaltam que o fortalecimento da autoestima está relacionado ao desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais, e que a escola exerce papel significativo nesse processo, ao oferecer experiências de valorização e acolhimento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também reconhece a importância do desenvolvimento integral dos alunos, incluindo competências socioemocionais como empatia, responsabilidade, cooperação e autoconhecimento, aspectos diretamente ligados à construção de uma autoestima saudável (BRASIL, 2017).

Além disso, Vygotsky (1991) afirma que a aprendizagem é um processo social, construído nas interações afetivas entre sujeitos. Assim, o professor não é apenas um transmissor de conteúdos, mas também um mediador das emoções e experiências que favorecem ou inibem a aprendizagem. Um ambiente escolar afetivo e respeitoso contribui significativamente para o desenvolvimento emocional da criança e, por consequência, para seu desempenho acadêmico.

Este relato de experiência tem como tema central a influência da autoestima no desempenho escolar, com base na minha trajetória pessoal e profissional como pedagoga e psicopedagoga clínica. Sou Lilian Aparecida Santana, formada em Pedagogia, e, com a experiência adquirida ao longo da minha trajetória, encantei-me ainda mais com a educação infantil e o ensino fundamental. Tenho o título de pós-graduação em Psicopedagogia e Educação Especial, e procuro aperfeiçoar-me através de cursos e eventos, a fim de oferecer um trabalho diferenciado aos meus alunos.

Sempre estudei em escola pública. Fui considerada uma aluna apta, sem reprovações ou dificuldades aparentes. Nunca tive a pretensão de me especializar na carreira de professora, mas sempre observei a forma como os professores promoviam seus conteúdos e interagiam com os alunos. Dois eventos tiveram um impacto negativo na minha vida escolar: quando era novata em uma escola, uma professora, sem me conhecer, disse: "Essa deve ser como a fulana, deve ser parecida com ela". Em outro momento, uma professora solicitou que formulássemos uma questão para cada capítulo do livro de história. Fiquei perplexa e pensativa: "Para que isso?" (na época não tinha a compreensão da motivação da professora).

Por outro lado, tenho muitas recordações valiosas. Lembro-me de um girino que tínhamos em um aquário na escola, uma experiência muito boa. Também recorro com carinho alguns professores que demonstravam grande afeto, o que me fazia sentir atraída por suas aulas. Apesar de não ter aspiração inicial para essa carreira, sempre analisei como as aulas poderiam ser melhores e como os professores poderiam tornar o aprendizado mais interessante.

Após o Ensino Médio, fiz um curso pré-vestibular, mas não obtive sucesso. Então, decidi trabalhar. Passei oito meses como balconista em uma farmácia antes de perceber que precisava melhorar e me desenvolver. Em 2009, ingressei na faculdade de Pedagogia. Inicialmente, não era meu sonho ser professora, mas sim uma opção acessível naquele momento. Com o desenrolar do curso, fui me encantando pela profissão, especialmente durante os estágios. Trabalhei um ano em uma escola municipal e senti vontade de levar as crianças para casa e cuidar delas, principalmente por observar certa vulnerabilidade socioeconômica e emocional em grande parte delas. Como isso não era possível, decidi fazer o melhor que pudesse por estas crianças. A vontade de influenciar positivamente a vida de outras pessoas por meio da educação era um desejo que crescia cada vez mais.

Com base nessas vivências, compreendi a importância de construir ambientes que favoreçam a autoestima das crianças. Quando valorizadas e incentivadas, elas se sentem mais seguras para aprender e se desenvolver. Por outro lado, a falta de acolhimento e escuta pode gerar bloqueios emocionais que comprometem a aprendizagem. Assim, o fortalecimento da autoestima torna-se uma estratégia pedagógica e psicopedagógica essencial.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal analisar a influência da autoestima no processo de ensino-aprendizagem, fundamentando-se nas observações e práticas pedagógicas e psicopedagógicas da autora. Para tanto, buscou-se descrever as percepções de famílias, educadores e coordenadores pedagógicos sobre a relação entre a autoestima e o desempenho escolar dos alunos, além de apresentar exemplos práticos de intervenções pedagógicas e psicopedagógicas realizadas para fortalecer a autoestima dos estudantes. Ao articular referencial teórico e prática vivida, este relato propõe uma reflexão sensível e necessária sobre o papel da autoestima no contexto educacional, buscando contribuir com práticas pedagógicas mais humanizadas e eficazes.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal analisar a influência da autoestima no processo de ensino-aprendizagem, fundamentando-se nas observações e práticas pedagógicas e psicopedagógicas da autora. Dentro dessa proposta, este relato busca descrever as percepções de famílias, educadores e coordenadores pedagógicos sobre a relação entre a autoestima e o desempenho escolar dos alunos, além de apresentar exemplos práticos de intervenções pedagógicas e psicopedagógicas realizadas para fortalecer a autoestima dos estudantes. Ao articular referencial teórico e experiência vivida, este relato propõe uma reflexão sensível e necessária acerca do papel da autoestima no contexto educacional, visando subsidiar práticas pedagógicas mais humanizadas e eficazes.

Ao integrar fundamentos teóricos com vivências da prática pedagógica, este relato propõe uma reflexão sobre a influência da autoestima no contexto educacional, com o intuito de fortalecer práticas mais humanizadas, centradas no indivíduo e comprometidas com uma aprendizagem significativa.

1.1 A Relação entre Autoestima e Aprendizagem Educacional: conceitos importantes

A autoestima representa um elemento crucial no desenvolvimento emocional e acadêmico das crianças, sendo definida como a avaliação subjetiva que o indivíduo faz de si mesmo e de sua capacidade para enfrentar desafios (Rosenberg, 1965). No ambiente escolar, essa avaliação influencia não apenas o desempenho acadêmico, mas também a adaptação social e o engajamento nas atividades educacionais (Branden, 1994).

Schunk e DiBenedetto (2020) destacam que a autoestima está intimamente associada à motivação intrínseca dos estudantes, atuando como um fator que promove a persistência diante de tarefas difíceis e o desenvolvimento da autoconfiança necessária para o aprendizado. Quando a criança se percebe capaz e valorizada, sua participação nas atividades escolares se torna mais ativa e significativa.

Além disso, Harter (2012) aponta que a construção da autoestima ocorre a partir das experiências de sucesso e do reconhecimento positivo das competências pessoais, o que torna o papel do educador fundamental na promoção de um ambiente acolhedor e encorajador. O desenvolvimento da autoestima está, portanto, diretamente relacionado à qualidade das interações sociais e afetivas que o aluno vivencia na escola.

De acordo com Goleman (1995), as competências socioemocionais, como o autoconhecimento e a regulação emocional, que são componentes da autoestima, são tão importantes quanto as habilidades cognitivas para o sucesso escolar e para o bem-estar psicológico. Isso reforça a ideia de que o processo de aprendizagem envolve uma dimensão afetiva que não pode ser negligenciada pelos educadores.

A BNCC (2017) reforça a importância de desenvolver competências socioemocionais para formar alunos mais conscientes de si e dos outros, capazes de gerir suas emoções e estabelecer relações positivas. Nesse sentido, fortalecer a autoestima é uma estratégia essencial para potencializar o desenvolvimento integral do estudante.

Ao longo demais de dez anos de experiência na área da educação e psicopedagogia clínica, tem sido possível observar que alunos com autoestima fragilizada frequentemente apresentam dificuldades não apenas no desempenho acadêmico, mas também em suas relações interpessoais e na motivação para aprender. Por outro lado, ambientes educativos que promovem o respeito, a valorização e o incentivo às potencialidades dos alunos favorecem significativamente o crescimento acadêmico e emocional destes. Nesse sentido, um clima positivo no ambiente escolar não apenas melhora a convivência, mas também favorece o processo de ensino-aprendizagem, permitindo que todos os alunos se beneficiem (GOULART, 2024). Assim, torna-se imprescindível que educadores, psicopedagogos e famílias trabalhem de forma conjunta para fortalecer a autoestima das crianças, criando espaços de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento pleno e saudável de suas capacidades cognitivas e

emocionais. Dessa forma, fica evidente que a partir da motivação externa e escolar, torna-se fundamental a qualidade dos relacionamentos que o indivíduo estabelece com as pessoas mais próximas (MENDES E CASTELAN, 2017)

2. METODOLOGIA

Este relato de experiência é o resultado de um percurso profissional contínuo e aprofundado, construído desde 2014. Foi nesse ano que iniciei minha prática como professora na Educação Básica e, posteriormente, expandi minha atuação para a psicopedagogia, tanto clínica quanto institucional. Ao longo dessa trajetória, tive o privilégio de trabalhar diretamente com inúmeras crianças que enfrentavam dificuldades de aprendizagem. Essa proximidade me permitiu observar, em tempo real e de forma intrínseca, os impactos diretos da autoestima em seu desempenho escolar e na qualidade de suas relações interpessoais. Essa vivência prática, acumulada ao longo de mais de uma década de dedicação à educação, é a base fundamental para a abordagem qualitativa e descritiva que norteia este relato.

A construção deste trabalho não se limita a uma mera descrição de eventos; ela parte de uma análise geral das práticas desenvolvidas tanto em atendimentos psicopedagógicos individualizados quanto no dinâmico cotidiano escolar. Um elemento crucial para enriquecer essa análise foram os depoimentos coletados de famílias, professores e coordenadores pedagógicos. Essas perspectivas múltiplas, generosamente compartilhadas, ofereceram diferentes lentes sobre os avanços emocionais, sociais e acadêmicos das crianças acompanhadas. A coleta desses relatos foi realizada por meio de questionamentos informais, em que solicitava-se breves relatos sobre a influência da autoestima no desempenho escolar, seja em forma de experiência vivenciada, percepção ou caso marcante. Para os profissionais da educação, a abordagem visava compreender como eles observam a autoestima afetando o aprendizado e o comportamento dos alunos. Já para as famílias, o pedido era para que compartilhassem sua visão sobre o impacto da autoestima na trajetória escolar de seus filhos. Cada relato contribuiu para uma compreensão mais completa da evolução dos alunos, integrando os olhares da escola, da família e da intervenção psicopedagógica, o que conferiu uma profundidade ímpar à nossa investigação.

A base teórica que solidamente norteou toda a prática e a análise aqui apresentadas inclui os estudos seminais de Vygotsky (1984), que enfatizam a importância vital da mediação social para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, e de Piaget (1971), que ilumina a compreensão da criança como construtora ativa de seu próprio conhecimento. Complementarmente, foram incorporadas as valiosas contribuições de autores contemporâneos (Creswell, 2014) que aprofundam a discussão sobre o papel intrínseco da autoestima na aprendizagem e no comportamento escolar, fornecendo um arcabouço robusto para as intervenções.

Ao longo desse percurso, diversas estratégias pedagógicas e psicopedagógicas foram sistematicamente aplicadas e adaptadas, visando o fortalecimento da autoestima dos alunos. O uso de jogos e atividades lúdicas, por exemplo, revelou-se uma ferramenta poderosa para estimular funções cognitivas essenciais e desenvolver habilidades socioemocionais, empregando o engajamento prazeroso como via para fortalecer a autoconfiança. Paralelamente, o reforço positivo e as devolutivas encorajadoras foram práticas constantes, com o objetivo primordial de promover uma autoimagem mais positiva e realista nas crianças, celebrando não apenas os resultados, mas, sobretudo, os progressos e os esforços despendidos. A observação sistemática, acompanhada de registros meticulosos, foi essencial para avaliar os avanços individuais de cada aluno e, assim, ajustar as intervenções de forma personalizada, garantindo um acompanhamento detalhado de seu desenvolvimento. Fundamental também foi o trabalho colaborativo com a escola e a família, buscando construir uma rede de apoio integrada e coesa em torno da criança, o que assegurou a continuidade das estratégias e o alinhamento de expectativas entre todos os envolvidos. Por fim, a escuta ativa e acolhedora foi priorizada em todos os atendimentos, valorizando a singularidade de cada história e, por consequência, favorecendo de forma significativa o fortalecimento da autoestima ao demonstrar respeito genuíno e profunda compreensão.

Todos os dados e experiências descritos foram organizados e analisados seguindo uma sequência cronológica, respeitando o tempo de amadurecimento e as particularidades de cada aluno acompanhado. A análise final deste relato foi construída a partir de uma integração harmoniosa e profunda entre a prática vivida, o embasamento teórico e os ricos relatos recebidos ao longo desses anos de atuação. Essa abordagem holística possibilitou compreender com notável profundidade como o fortalecimento da

autoestima pode, de fato, transformar e enriquecer significativamente a experiência escolar das crianças.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Descrição da Experiência

Após concluir minha formação, iniciei minha atuação como professora particular, oferecendo assistência personalizada ao aprendizado de cada criança até 2014. Nesse ano, passei a trabalhar como professora regente em uma escola particular, sem abandonar as aulas particulares. Ao longo dessa trajetória, tive a oportunidade de ensinar alunos de diferentes séries, incluindo aqueles com dislexia, hiperatividade, autismo e dificuldades psicológicas, familiares e de relacionamento.

A experiência em sala de aula me proporcionou uma compreensão mais ampla sobre a influência direta que a autoestima exerce no desempenho escolar. Crianças inseridas em contextos instáveis, marcados por conflitos familiares, separações traumáticas, violência doméstica ou uso de drogas por parte de familiares, geralmente enfrentam maiores dificuldades de concentração, socialização e desenvolvimento da autoconfiança. Conforme destacam Boruchovitch e Bzuneck (2018), a autoestima é um fator determinante para o sucesso acadêmico, pois interfere diretamente na motivação, na resiliência e na superação de desafios escolares. Estudos como o de Ribeiro e Costa (2019) corroboram essa percepção ao evidenciar que ambientes familiares desestruturados comprometem significativamente o desenvolvimento emocional e o rendimento escolar dos alunos. Da mesma forma, conforme aponta a Revista Melp (2016), os diferentes ambientes onde a criança está inserida impactam de forma direta no processo de ensino-aprendizagem, podendo favorecer ou dificultar sua trajetória escolar.

Além disso, percebi que a participação da família é fundamental para o progresso escolar. Pais que acompanham o desenvolvimento acadêmico e emocional dos filhos contribuem significativamente para fortalecer sua autoestima e incentivar a aprendizagem. Estudos indicam que alunos com apoio familiar tendem a apresentar um melhor desempenho escolar e um menor risco de evasão (Antunes, 2011).

Minha transição para a psicopedagogia clínica aprofundou ainda mais minha compreensão sobre a relação entre aspectos emocionais e dificuldades de aprendizagem. No atendimento a crianças com baixo rendimento escolar, tornou-se evidente que, muitas vezes, o problema não reside na capacidade cognitiva, mas sim em um histórico marcado por insegurança, desvalorização e ausência de suporte emocional. De acordo com Boruchovitch e Bzuneck (2018), estudantes que enfrentam dificuldades emocionais tendem a desenvolver crenças negativas sobre si mesmos, o que compromete sua motivação e, conseqüentemente, seu desempenho escolar. Essa perspectiva é reforçada por Wallon (2007), ao afirmar que o desenvolvimento cognitivo está profundamente entrelaçado ao emocional, sendo imprescindível considerar ambos no processo educativo. Compreender o aluno em sua totalidade, levando em conta sua história, contexto e necessidades afetivas, é fundamental para a construção de uma aprendizagem significativa, acolhedora e transformadora.

Ao longo da minha trajetória na educação básica, constatei que a confiança dos alunos em suas próprias capacidades estava diretamente ligada ao seu rendimento escolar. Crianças que se sentiam valorizadas e incentivadas demonstravam maior engajamento e melhores resultados nas atividades. Em contrapartida, alunos inseguros evitavam desafios acadêmicos e apresentavam maior resistência ao aprendizado (Vygotsky, 1984).

Com a psicopedagogia clínica, passei a atuar diretamente no fortalecimento da autoestima dos estudantes, identificando bloqueios emocionais que comprometiam o aprendizado. Para isso, utilizei abordagens como jogos pedagógicos, dinâmicas interativas e o reforço positivo, estratégias eficazes para estimular a confiança acadêmica e criar um ambiente de aprendizado mais acolhedor e motivador, conforme propõe Antunes (2011).

3.2 A Visão das Famílias, Educadores e Educandos

A autoestima é um componente fundamental no desenvolvimento integral da criança, influenciando diretamente seu desempenho escolar e suas relações interpessoais. Ela reflete a maneira como a criança percebe, valoriza suas habilidades e enfrenta os desafios do aprendizado. Diversas pesquisas e experiências apontam que uma autoestima saudável promove maior motivação, resiliência e engajamento nas

atividades escolares, enquanto sua fragilidade pode acarretar desmotivação, insegurança e baixo rendimento (ANTUNES, 2011; BORBA, 1992; VYGOTSKY, 1991; SÁNCHEZ, 2002).

A participação ativa da família, da coordenação pedagógica, dos educadores e dos próprios alunos é fundamental para a construção de um ambiente escolar que valorize a autoestima e potencialize o desenvolvimento acadêmico e socioemocional. Cada um desses atores exerce um papel importante na vida escolar das crianças e adolescentes, influenciando diretamente como eles se percebem, enfrentam desafios e se motivam para aprender.

As famílias são a base do apoio emocional e do incentivo, fortalecendo a segurança e a confiança dos estudantes. Já os educadores e a coordenação são responsáveis por criar um ambiente acolhedor e respeitoso, que reconheça as individualidades e os ritmos de aprendizagem, promovendo o fortalecimento da autoestima dentro da escola. Por fim, os alunos, protagonistas de sua própria trajetória, trazem suas percepções, sentimentos e experiências, enriquecendo a compreensão do impacto da autoestima no desempenho escolar.

A seguir, serão relatos que ilustram essas diferentes perspectivas, demonstrando como o diálogo entre esses segmentos é essencial para o sucesso educacional e o bem-estar emocional dos estudantes.

3.2.1 A Visão das Famílias

Mãe 1: “Percebo que quando a criança está segura, reconhece sua habilidade e capacidade, ela aprende mais, se sente mais segura no processo de ensino/aprendizagem, fala sobre suas ideias, questiona, busca mais conhecimento. E acredito que os pais têm um importante papel nisso, ao não comparar seus filhos com os outros e sim valorizar o que eles sabem, incentivá-los para mais descobertas, procurar saber o que eles precisam quando estão com dificuldades e de que forma podemos ajuda-los.”

Mãe 2: “A autoestima exerce um papel essencial no desenvolvimento pessoal e acadêmico das crianças. No caso da minha filha, percebo que, quando está mais confiante, demonstra maior segurança, alegria e disposição para participar das

atividades em sala de aula. A confiança em si mesma favorece uma atitude positiva diante dos desafios, o que contribui significativamente para melhores desempenhos. Em casa, buscamos sempre estimulá-la por meio de diálogos encorajadores, reforçando mensagens como: “Você é capaz” e, ao mesmo tempo, mostrando que está tudo bem quando algo não sai como o esperado. Essa abordagem tem sido importante para o fortalecimento de sua autonomia e resiliência.”

Mãe e Professora 3: “Se a criança, no caso, minha filha, não está motivada e tem uma autoestima muito baixa, ela vai para a escola se sentindo inferior. Ela acreditava que era burra, que não conseguia acompanhar os colegas, pois se comparava muito com outras crianças. Esse sentimento de inferioridade se agravava porque a carga escolar era muito grande e ela percebia que não conseguia dar conta de tudo como os outros alunos. Com isso, sua autoestima diminuía ainda mais, levando à desmotivação. Acredito que essa seja uma palavra-chave para o relatório: desmotivação. Como mãe, percebi que ela estava extremamente desmotivada para ir à escola. Um dos principais motivos era a sobrecarga de atividades, algumas ela conseguia fazer, outras não. Isso gerava estresse, nervosismo e a sensação de que nunca daria conta. Com o tempo, ela passou a evitar as tarefas escolares. Na escola, ao perceber que seus colegas conseguiam acompanhar as aulas dentro do tempo esperado e ela não, sua desmotivação aumentava ainda mais. A questão do TDAH também influenciava, pois nem sempre ela recebia o acolhimento necessário. O apoio e a motivação dos professores faziam uma grande diferença: havia aqueles cujas aulas a encantavam, pois se sentia motivada e valorizada, e outros em que ela se sentia inferior, o que fazia com que perdesse o interesse pela disciplina. A autoestima dela foi piorando progressivamente. Como professora, sei que a desmotivação dentro da sala de aula pode ser influenciada por diversos fatores, não apenas os escolares, mas também aqueles relacionados ao ambiente familiar. O incentivo dos pais, os elogios e o apoio são fundamentais. Na escola, é essencial que os professores também façam esse papel de incentivo, mostrando à criança que ela é capaz, respeitando seu tempo de aprendizado. Cada um tem seu ritmo, inclusive os adultos, e é importante reforçar para a criança que, mesmo que leve um pouco mais de tempo, ela conseguirá alcançar seus objetivos.”

Mãe 4: “Você me perguntou sobre a influência da autoestima no desempenho escolar, e eu gostaria de compartilhar um pouco da minha experiência pessoal com os meus filhos: o Arthur e a Alice. O Arthur é o mais velho e sempre foi muito estudioso. Ele facilita muito para nós quando se trata dos estudos, sempre teve facilidade, principalmente em matérias como matemática e inglês, mas também se dá bem nas outras. Ele é um aluno que nunca me deu trabalho para estudar. Sempre foi muito fácil elogiá-lo, porque ele participa bastante das atividades escolares, gosta de desafios como olimpíadas, e sempre que ganha algo, nós incentivamos e parabenizamos bastante. Quando tira uma nota abaixo do que esperava, ele fica chateado, mas nós sempre procuramos dizer: “Tudo bem, você aprende com os erros. Da próxima vez vai fazer melhor.” E assim, vamos mostrando que ele é muito capaz. Ele se esforça muito, sempre. Com ele, nunca precisei trabalhar tanto essa parte do desenvolvimento das habilidades, porque ele sempre buscou dar o melhor. No entanto, percebo que ele se cobra bastante. Talvez pelo desejo de continuar recebendo elogios ou pela própria personalidade perfeccionista, ele sente muito quando sai da "curva" de desempenho que ele mesmo estabeleceu para si. Já a Alice, a caçula, tem vivido um momento diferente. Ela sempre viu a gente elogiando muito o irmão ao longo dos anos, e agora que começou a passar por avaliações na escola, está demonstrando bastante ansiedade. Os estudos têm sido um pouco mais difíceis para ela, e percebo que essa fase avaliativa tem gerado muita insegurança. Ela se cobra muito para tirar boas notas, e apesar de sempre a elogiarmos também, noto que ela sente medo de errar. Às vezes, digo para ela: “A mamãe te corrigiu ou te falou algo para você ficar assim tão preocupada?” E ela responde que não, mas que está com medo de errar mesmo assim. Então, acredito que isso também seja algo da personalidade dela.

Temos tido um pouco mais de trabalho para estudar com a Alice, pois ela precisa ser incentivada constantemente. Ela demonstra muita insegurança em dar respostas, sempre com receio de errar. Por isso, temos reforçado muito os elogios, a valorização do esforço e o quanto ela é capaz, para que ela vá construindo uma autoestima mais firme. Recentemente, por exemplo, ela teve uma aula de inglês em que participou bastante, e a professora elogiou muito a postura dela. Ela chegou em casa toda feliz para contar. Isso mostra que, mesmo com as dificuldades, ela tem interesse, gosta de participar e sente prazer ao ser reconhecida. A gente sempre tenta equilibrar:

corrigir quando necessário, mas reforçar os elogios e valorização para ajudar a reverter esse quadro de insegurança.”

Mãe 5: “Como mãe de três filhos com idades de 3, 6 e 9 anos, eu percebo diariamente o quanto a autoestima dos meus filhos está ligada ao desenvolvimento escolar deles. A forma como eles se sente sobre si mesmos influencia diretamente na maneira como enfrentam os desafios na escola, seja com tarefas, interações com colegas ou até mesmo com o aprendizado em si. Quando minha filha de 9 anos traz um bom desempenho escolar, percebo que sua confiança está em alta. Ele se sente capaz de aprender e enfrentar novos desafios, e isso reflete não só nos estudos, mas também nas suas atitudes em casa. Ele acredita que pode tentar coisas novas, como um projeto de ciência, ou até mesmo pedir ajuda se não entender algo. Essa segurança interna vem do reconhecimento que ele recebe, tanto em casa quanto na escola, quando realiza algo bem feito, o que fortalece sua autoestima. Já a minha filha de 6 anos ainda está na fase em que o ambiente escolar é muito novo e desafiador para ela. Acredito que a maneira como os professores e eu, como mãe, a incentivamos a continuar tentando, mesmo quando comete erros, tem um grande impacto em como ela vê a si mesma. Quando ela sente apoio, seja por um elogio por um esforço ou uma explicação tranquila sobre algo que não entendeu, sua confiança vai se fortalecendo e ela começa a se envolver mais nas atividades escolares, sem medo de errar. E o meu caçula, de 3 anos, ainda está muito no início de sua trajetória de aprendizado, mas já é possível ver como ele reage quando é elogiado ou quando consegue realizar algo sozinho, como desenhar ou falar palavras novas. Isso tudo vai moldando sua visão sobre suas próprias capacidades. Ele ainda não está na fase de escolarização formal, mas é incrível perceber como a autoestima já começa a dar sinais de como será sua relação com a aprendizagem mais tarde. A autoestima e o desenvolvimento escolar estão intrinsecamente conectados. Quando uma criança se sente segura de si, ela se dispõe a explorar mais, aprender com os erros e se envolver de forma positiva nas atividades escolares. Como mãe, meu papel é proporcionar um ambiente acolhedor e de apoio, onde o erro seja visto como parte do aprendizado e não como um fracasso. Assim, posso ajudá-los a desenvolver uma autoestima saudável que os acompanhará ao longo de toda a vida escolar.”

Mãe 6: “Autoestima é a base que sustenta o desempenho escolar e o sucesso na vida. Autoestima não aparece no boletim. Não é sobre tirar nota alta. É sobre ter coragem de tentar de novo quando a nota não vem. Ela é o que faz a criança não desistir diante de uma dificuldade. É o que impulsiona a estudar mais, a buscar melhora, a seguir firme mesmo quando o caminho não é fácil. Aqui em casa, eu vejo isso todos os dias. Meus filhos não acertam sempre, mas sabem que são capazes. E essa certeza muda tudo, na escola, no esporte, na vida. Meu filho é reservado, focado, firme. Ele não fala muito, mas os resultados dele falam. Tem autoestima suficiente pra não precisar se exhibir. Ele mostra com atitudes, com dedicação, com a tranquilidade de quem sabe quem é e aonde quer chegar. Mesmo tão novo, já se compromete com seus sonhos, acredita no próprio potencial e não perde tempo com comparação. Na escola, ele enfrenta cada desafio com seriedade. Se algo dá errado, ele não se desanima. A autoestima dele o protege da autossabotagem. Ele se dedica mais, estuda mais, porque sabe que pode melhorar, e vai. Minha filha é vaidosa, comunicativa, cheia de vida. Ela tem autoestima suficiente pra vender sem vergonha, conversar com qualquer pessoa, puxar torcida e conquistar amizades com facilidade. Na escola, isso vira participação, segurança, atitude. Ela se expressa, acredita nas ideias dela e sabe onde quer chegar. Autoestima não garante perfeição. Ela permite que a criança erre sem medo. Que se levante sem se culpar. Que siga sem precisar da aprovação dos outros. Ela protege contra o bullying, contra a insegurança, contra o medo de não ser suficiente. E tudo isso começa em casa. No nosso olhar, na forma como a gente escuta, acolhe, orienta. Se eu não cuidar da minha autoestima como mulher e mãe, posso acabar transmitindo minhas próprias feridas sem perceber. Por isso, eu me fortaleço todos os dias. Não pra ser uma mãe perfeita, mas pra ser uma mãe verdadeira, que vive o que ensina. Porque filhos não precisam de mães impecáveis. Eles precisam de mães que acreditam neles, e em si mesmas também.”

Mãe 7: “Eu e meu esposo, sempre acompanhamos de perto a vida escolar da nossa filha. E ao longo dos anos, percebemos o quanto à nossa presença e incentivo fizeram a diferença nos estudos dela. Ela, graças à Deus, sempre teve a autoestima elevada, e isso também contribuiu para o sucesso escolar. Porém, quando em 2019, ela já com 12 anos, resolvi trabalhar fora. Foi quando percebemos, que ela teve uma recaída nos estudos, afetando até mesmo o seu psicólogo. Por isso, resolvi largar o trabalho e continuar por

perto dela. Pois, vi que isso fazia diferença na vida dela. E, valeu à pena! Hoje, ela conquistou uma vaga na faculdade, e mesmo distante de nós, mantém uma rotina de estudos adequada para a sua fase escolar atual. E mesmo de longe, procuramos nos fazer presentes e interessados em sua rotina escolar. Nós pais, temos que entender, que nossos filhos, nunca estarão crescidos demais para um abraço ou um "como você está na escola? Como foi o seu dia?". Para nós, o importante é que ela sinta, que ela é importante para nós. E, com isso, só sentimos muito orgulho da nossa filha. Obrigada pela oportunidade de relatar um pouco da nossa história.”

A escuta atenta desses relatos revela, com clareza, o impacto significativo da autoestima no desempenho escolar e o papel crucial da família nesse processo. Todas as mães entrevistadas demonstraram sensibilidade ao perceber como o apoio emocional, o incentivo, os elogios e o acolhimento influenciam diretamente a confiança das crianças diante dos desafios escolares. Para além das notas e resultados, é visível que a segurança emocional cultivada em casa favorece o engajamento, a autonomia, a resiliência e a disposição para aprender. Esses depoimentos vão ao encontro do que defendem autores como Baumrind (1991) e Muszkat et al. (2003), ao destacarem que práticas parentais positivas, baseadas no diálogo, na escuta e no reconhecimento das emoções, contribuem para o fortalecimento da autoestima e para o desenvolvimento saudável da criança.

Por outro lado, é importante considerar que essa realidade positiva nem sempre está presente em todos os contextos. Muitos alunos enfrentam a ausência de apoio familiar, o que fragiliza sua autoconfiança e gera impactos diretos na aprendizagem. A falta de envolvimento dos responsáveis, seja por questões emocionais, sociais ou estruturais, pode agravar ainda mais as dificuldades escolares, tornando a atuação da escola e dos profissionais da educação ainda mais desafiadora. Conforme destaca Tiba (2006), a ausência de limites, atenção e presença afetiva da família pode comprometer o desenvolvimento emocional da criança, dificultando seu vínculo com o aprender e sua percepção de pertencimento no ambiente escolar. A escola, nesses casos, assume um papel ainda mais significativo na construção da autoestima e da segurança afetiva do aluno.

Outro ponto que merece destaque é que, entre todos os relatos, apenas mães participaram. Essa predominância já evidencia um traço cultural marcante: na maioria dos lares, são as mulheres que assumem a responsabilidade emocional e prática pela

vida escolar dos filhos. Essa presença materna constante no acompanhamento e na construção da autoestima reforça a importância de valorizar, apoiar e também dividir esse papel com outros membros da família, incluindo os pais e demais cuidadores. Segundo Badinter (2011), a idealização da maternidade como única referência afetiva e educacional da criança contribui para uma sobrecarga emocional da mulher e, muitas vezes, para a invisibilização da responsabilidade paterna. A educação emocional da criança deve ser, portanto, uma responsabilidade compartilhada, e não uma função exclusivamente materna.

3.2.2 A Visão dos Professores

Professora 1: “Como professora com 15 anos de experiência em sala de aula, tive a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de muitos alunos ao longo dos anos, e uma das lições mais importantes que aprendi é a profunda conexão entre a autoestima e o desempenho escolar. A autoestima, que é a forma como o aluno se vê e se valoriza, exerce uma influência direta sobre sua motivação, esforço e, conseqüentemente, sobre seus resultados acadêmicos. Quando o aluno tem uma boa autoestima, ele se sente capaz de enfrentar desafios e aprender de forma mais eficaz. Ele se vê como alguém capaz de resolver problemas, cometer erros e aprender com eles, o que cria um ambiente positivo para o aprendizado. Ao longo dos anos, percebi que alunos com baixa autoestima tendem a se sabotar, a desistir mais facilmente diante das dificuldades e a se sentir incapazes de alcançar o sucesso. Esse ciclo de autossabotagem pode afetar suas atitudes em relação aos estudos, fazendo com que eles se sintam desmotivados e, muitas vezes, inseguros de suas próprias habilidades. Por outro lado, quando conseguimos trabalhar a autoestima de um aluno, seja através de um elogio sincero, do reconhecimento do esforço ou do incentivo a pequenas vitórias, o impacto no desempenho escolar é notável. Eles começam a acreditar mais em suas capacidades, a se engajar de maneira mais ativa nas atividades e a ter uma postura mais resiliente frente aos desafios. É importante que os professores saibam reconhecer os pontos fortes de cada aluno e incentivem o desenvolvimento de uma mentalidade positiva. Além disso, as interações sociais também desempenham um papel crucial nesse processo. Um ambiente escolar que favorece o respeito mútuo, a colaboração e a inclusão é fundamental para que os alunos se sintam aceitos e valorizados. Portanto, a autoestima é muito mais do que uma

característica psicológica; é um fator essencial para o sucesso acadêmico. Quando os alunos se sentem bem consigo mesmos, eles se tornam mais confiantes, mais motivados e mais preparados para enfrentar os desafios acadêmicos e da vida. Isso reflete diretamente no seu desempenho, criando um ciclo positivo de aprendizado e crescimento.”

Professora 2: “Em minha prática pedagógica, me deparei com um aluno quase “perdido” em uma turma do 6º ano. Quieto, tímido, recém-chegado. O tipo de aluno que facilmente passa despercebido quando olhamos apenas para notas ou comportamentos “esperados”. Mas ali havia algo que me chamou atenção: a ausência de pertencimento. Escolhi o caminho da escuta e da observação. Queria descobrir o que o motivava, o que o fazia sorrir. No entanto, antes mesmo que eu pudesse agir, outro aluno, sentado ao lado, percebeu o talento do colega para o desenho. A sala descobriu, e eu garanti que aquele talento fosse celebrado. Aos poucos, o menino antes retraído começou a se abrir, a sorrir e a se integrar. A autoestima dele cresceu, e, com ela, sua disposição para aprender. Esse episódio reforçou o que já venho aprendendo: a autoestima é alicerce para o desenvolvimento escolar. Quando o aluno se sente visto, valorizado e aceito, ele se arrisca mais, participa mais, aprende melhor. Estamos caminhando juntos, entre dificuldades e conquistas, entre limites e sorrisos. Ele ainda precisa desenvolver muitas habilidades, mas já avança, porque sente que pertence. E isso muda tudo. Também observo, diariamente, como a autoestima influencia diretamente o desempenho escolar. Em muitos relatos que acompanho, vejo que o aluno que acredita em si mesmo é mais propenso a tentar, a persistir, a enfrentar desafios. Um caso que me marcou foi o de uma menina com dificuldades em leitura, mas com enorme sensibilidade musical. Quando a escola passou a valorizar esse dom, ela se sentiu parte do ambiente escolar, e sua leitura, antes motivo de vergonha, passou a ser trabalhada com mais leveza e confiança. A autoestima não resolve tudo sozinha, mas ela é a porta de entrada para quase tudo.”

Os relatos dos professores reforçam a importância da autoestima como elemento fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento escolar. A escuta atenta, o reconhecimento dos talentos individuais e o ambiente acolhedor promovem o sentimento de pertencimento e valorização, fatores que estimulam a motivação e a resiliência dos alunos diante dos desafios. Essa visão está alinhada com a

perspectiva de Schunk e DiBenedetto (2020), que apontam que o feedback positivo e as falas de incentivo são essenciais para o fortalecimento da autoeficácia e da confiança do estudante, impactando diretamente em seu engajamento e desempenho acadêmico. Além disso, a teoria da educação positiva, defendida por Seligman (2011), enfatiza que o ambiente escolar deve promover emoções positivas e relacionamentos construtivos, criando condições para o florescimento do potencial dos alunos. Portanto, os professores, ao cultivarem práticas pedagógicas que valorizam e encorajam o aluno, desempenham um papel decisivo na construção de uma aprendizagem significativa, humanizada e efetiva.

3.2.3 A Visão das Coordenadoras Pedagógicas

Coordenadora 1: “A Influência da Autoestima no Desempenho Escolar A autoestima é um dos pilares do desenvolvimento integral do ser humano e assume um papel central no contexto educativo. Precisamos compreendê-la não apenas como um sentimento de valorização pessoal, mas como um fator psicológico que interfere diretamente nos processos de aprendizagem. Estudantes com uma autoestima elevada geralmente apresentam maior autonomia, capacidade de autorregulação e resiliência frente aos desafios escolares. Estas competências emocionais influenciam diretamente a forma como o aluno se posiciona perante os conteúdos, os erros e as dificuldades — fatores que impactam diretamente o seu rendimento escolar. Por outro lado, uma autoestima fragilizada pode gerar bloqueios emocionais, ansiedade de desempenho, medo do julgamento e até comportamentos de isolamento. A criança ou jovem que se sente incapaz ou desvalorizado pode desenvolver um ciclo de fracasso: acredita que não é capaz, evita tentar, fracassa, e essa experiência reforça a sua crença negativa. Neste cenário, a atuação do professor é crucial. Cabe a ele identificar sinais de baixa autoestima, compreender as suas origens (que podem estar ligadas a fatores familiares, escolares ou sociais) e intervir de forma acolhedora e estratégica. É também fundamental trabalhar em articulação com as famílias, promovendo ambientes educativos que valorizem o esforço, a diversidade de talentos e o crescimento pessoal. A promoção da autoestima deve, portanto, ser vista como parte integrante do processo educativo. Não se trata apenas de um aspeto emocional, mas de um fator determinante na construção do sujeito que aprende.”

Coordenadora 2 – “Enquanto coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental 1, observo cotidianamente como a autoestima exerce uma influência direta e profunda no desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes. Nesta etapa da formação, as crianças estão construindo suas primeiras referências sobre quem são e do que são capazes, e a forma como se percebem impacta significativamente sua disposição para aprender, interagir socialmente e enfrentar desafios. É comum observar que estudantes com autoestima fortalecida demonstram maior curiosidade intelectual, iniciativa e resiliência diante das dificuldades escolares. Eles se sentem mais confortáveis para se arriscar, para tirar dúvidas com segurança e para persistir em atividades que exigem esforço. Acreditam em seu potencial de crescimento e aprendizado, o que os motiva a superar obstáculos com maior determinação. Por outro lado, crianças com baixa autoestima tendem a evitar situações novas, a demonstrar resistência ao erro e, frequentemente, a desistir diante das primeiras dificuldades, comprometendo seu desenvolvimento acadêmico e social. Minha experiência acumulada como professora, mãe e coordenadora pedagógica reforça essa percepção: estudantes que acreditam em suas capacidades enfrentam os desafios acadêmicos com mais confiança e perseverança. Entendem que o erro faz parte natural do processo de aprendizagem, o que lhes permite desenvolver habilidades cognitivas e emocionais essenciais para seu crescimento. Assim, promover um ambiente escolar que valorize o esforço, reconheça as conquistas individuais e estimule a autoconfiança dos estudantes é fundamental. A autoestima não pode ser vista como um aspecto periférico da educação, mas como um componente essencial que sustenta a construção de saberes e a formação integral dos alunos. Investir nela é, portanto, investir diretamente na qualidade da aprendizagem e no futuro de cada criança.”

Embora as coordenadoras ressaltem com propriedade o papel essencial do professor na identificação de sinais de baixa autoestima, acredito que é necessário ampliar essa visão. O professor, sobretudo na realidade da educação pública, enfrenta salas superlotadas, múltiplas demandas pedagógicas e falta de suporte adequado, o que torna difícil identificar individualmente as questões emocionais de cada aluno. Assim, a promoção da autoestima não pode ser uma responsabilidade exclusiva do docente. É preciso compreender que esse é um trabalho coletivo, que deve envolver toda a

comunidade escolar: direção, coordenação pedagógica, professores, equipe de apoio e famílias.

A educação positiva, fundamentada em estudos de autores como Martin Seligman (2011) e Ribeiro (2018), demonstra que práticas escolares que valorizam as emoções, o reconhecimento das conquistas, o incentivo e o acolhimento emocional contribuem significativamente para o desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança e do rendimento escolar. Palavras de incentivo e ambientes escolares emocionalmente seguros ajudam a moldar crenças positivas sobre si mesmos, favorecendo a motivação e a persistência dos alunos diante dos desafios da aprendizagem.

Nesse contexto, a atuação da coordenação pedagógica é estratégica. Mais do que acompanhar planos de aula, a coordenação pode promover espaços de escuta, formação continuada com foco em aspectos socioemocionais e estimular práticas pedagógicas que considerem o aluno em sua integralidade. Como destaca Vygotsky (1998), o desenvolvimento emocional e social da criança está profundamente ligado às interações que ela vivencia no ambiente escolar. Além disso, segundo Bronfenbrenner (2001), o desenvolvimento humano se dá em sistemas interdependentes, o que exige articulação entre os diversos agentes que cercam a criança.

Epstein (2011) também reforça que a parceria entre escola, família e comunidade é essencial para o sucesso acadêmico e emocional do estudante. Assim, um ambiente escolar que integra seus setores, direção, coordenação, professores e demais profissionais, e atua em colaboração com as famílias consegue identificar com mais precisão as necessidades emocionais dos alunos e desenvolver estratégias para fortalecer sua autoestima, promovendo um processo educativo mais humano, acolhedor e transformador.

3.3 Exemplos Práticos de Intervenções Psicopedagógicas e Pedagógicas

No âmbito da minha prática psicopedagógica e pedagógica, diversas intervenções foram implementadas com o objetivo explícito de promover a autoestima dos alunos, resultando em impactos notáveis no engajamento escolar, no comportamento e nas relações interpessoais. Essas ações não apenas contribuíram para o desenvolvimento emocional dos estudantes, como também reforçaram o papel da

escola como espaço privilegiado para o cultivo da identidade e do pertencimento. Como destaca Libâneo (2013), a escola deve assumir a função de mediar o desenvolvimento integral do sujeito, promovendo não apenas a aprendizagem cognitiva, mas também aspectos afetivos e sociais essenciais à formação humana.

Um exemplo significativo dessas intervenções foram as Oficinas de Reconhecimento Pessoal e Valorização Individual, realizadas com turmas do ensino fundamental. Nessas oficinas, os alunos eram convidados a refletir sobre si mesmos, expressando por meio de escrita ou desenho algo de que gostavam em si. Após essa etapa, compartilhavam com os colegas suas produções, promovendo o reconhecimento das qualidades individuais e o respeito à diversidade. A proposta visava fortalecer o autoconhecimento e fomentar o sentimento de pertencimento ao grupo. Del Prette e Del Prette (2005) ressaltam que atividades que favorecem a expressão pessoal e a escuta empática são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, além de ampliarem os vínculos interpessoais e a autorregulação emocional.

Outra estratégia eficaz foi a aplicação dos Jogos Pedagógicos com Ênfase na Superação e Cooperação. Utilizei atividades que envolviam desafios coletivos, como quebra-cabeças, enigmas matemáticos em grupo e jogos de memória com regras cooperativas. A cada conquista, individual ou coletiva, era promovido um momento de comemoração e reconhecimento. Essas práticas, além de favorecerem o raciocínio lógico e a resolução de problemas, criaram oportunidades genuínas de reforço positivo, aspecto destacado por Fagundes (2010) como elemento essencial para o desenvolvimento da autoconfiança e da perseverança. Também dialogam com os estudos de Kishimoto (2002), que defende o brincar e o jogo como linguagens fundamentais no processo de aprendizagem e construção da subjetividade infantil.

O Diário das Conquistas foi uma prática especialmente significativa. Em parceria com as famílias, propus que cada criança registrasse semanalmente algo que tivesse aprendido, superado ou melhorado, valorizando pequenas vitórias do cotidiano escolar. Essa ação, inspirada nos princípios da Psicologia Positiva (Seligman, 2004), contribuiu para uma percepção mais positiva de si, promovendo uma autoavaliação construtiva e estimulando a motivação intrínseca. Conforme defendem Damásio e Andrade (2012), o reconhecimento das conquistas pessoais favorece o bem-estar

emocional e fortalece o sentimento de autoeficácia, essencial para que a criança se perceba como agente do próprio processo de aprendizagem.

As Rodas de Conversa com Participação da Família também se mostraram uma ferramenta potente para o fortalecimento da autoestima e do vínculo escola-família. Ao oferecer um espaço seguro para que as crianças compartilhassem suas experiências escolares e sentimentos, e ao incluir os familiares como escuta ativa e validadores dessas vivências, foi possível criar uma rede de apoio que favoreceu a construção de uma autoimagem mais segura e positiva. Como destaca Bronfenbrenner (1996), a qualidade das interações nos diversos sistemas que cercam a criança, especialmente a família e a escola, influencia diretamente seu desenvolvimento emocional e social. Além disso, autores como Wallon (2007) reforçam que o reconhecimento do outro é fundamental para a constituição da identidade e da autoestima infantil.

Essas ações evidenciam, na prática, que é possível intervir positivamente na autoestima dos alunos por meio de estratégias planejadas, afetivas e continuadas. Embora simples em sua execução, tais práticas têm efeitos duradouros quando realizadas com intencionalidade, escuta e respeito à individualidade. Como afirmam Oliveira e Viana (2015), uma escola que reconhece e valoriza os aspectos emocionais dos estudantes contribui para a formação de sujeitos mais autônomos, seguros e abertos ao aprendizado.

Portanto, o investimento em atividades que fortaleçam a autoestima deve ser compreendido como parte fundamental do processo educativo. Intervenções desse tipo promovem não apenas o desenvolvimento emocional, mas também impactam diretamente na aprendizagem, na convivência e na permanência escolar. A construção de um ambiente acolhedor, que reconheça o esforço, promova a participação e celebre as conquistas de cada estudante, é essencial para que a escola cumpra seu papel formativo em sua totalidade.

3.4 Dificuldades e Desafios

Ao longo desse percurso, enfrentei desafios significativos, como a resistência de alguns alunos em modificar a percepção que tinham sobre suas próprias capacidades acadêmicas. Aqueles que haviam vivenciado experiências escolares negativas, em especial, demonstravam maior dificuldade em aceitar elogios e reconhecer suas

conquistas. Essa postura, muitas vezes, está relacionada a crenças negativas internalizadas ao longo do tempo. Além disso, a ausência de envolvimento familiar em alguns casos dificultava a continuidade das intervenções iniciadas na escola e no atendimento psicopedagógico. Como apontam Boruchovitch e Bzuneck (2018), o apoio familiar e a valorização das conquistas dos alunos são fatores essenciais para o fortalecimento da autoestima e para o engajamento nas atividades escolares.

Contudo, com o tempo e o uso de estratégias adequadas, esses desafios foram sendo superados. O envolvimento ativo dos professores e a implementação de um ambiente mais motivador contribuíram para um maior engajamento dos alunos e para um impacto positivo em seu desempenho acadêmico. Nesse sentido, professor torna-se protagonista, sendo fundamental a elaboração de estratégias pedagógicas que estimulem a motivação dos alunos e favoreçam a interação social no ambiente escolar (FREITAS & CARVALHO 2019).

4. RESULTADOS OBSERVADOS

Durante o processo de acompanhamento psicopedagógico, especialmente após a introdução de estratégias voltadas ao fortalecimento da autoestima e ao acolhimento emocional, foram percebidas mudanças significativas no comportamento e no engajamento de diversos estudantes acompanhados. A atuação foi baseada em práticas como escuta ativa, valorização das conquistas individuais, incentivo constante à participação e acolhimento das dificuldades emocionais. A partir dessas intervenções, alunos que antes se mostravam retraídos, passivos ou com baixa autoconfiança passaram a demonstrar maior disposição para enfrentar desafios, envolver-se nas atividades escolares e expressar suas ideias com mais segurança.

Essas transformações foram identificadas de forma qualitativa, por meio de registros sistemáticos de observações, devolutivas com professores e famílias, além de relatos espontâneos dos próprios alunos durante os atendimentos. Embora não se trate de dados quantitativos, as evidências apontaram para uma elevação visível da autoestima, maior autonomia nos processos de aprendizagem e melhora nas interações sociais.

Em situações concretas, observei que o acolhimento emocional teve papel decisivo para que os alunos se sentissem seguros para errar, tentar novamente e reconhecer seus próprios avanços. Essa percepção vai ao encontro da perspectiva de Vygotsky (1984), ao afirmar que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio da mediação social. A postura empática e encorajadora do educador, como “outro significativo”, mostrou-se fundamental para promover não apenas o avanço cognitivo, mas também o fortalecimento da identidade e do senso de capacidade dos alunos, especialmente quando se respeita a zona de desenvolvimento proximal de cada um.

Também ficou evidente que, quando os estudantes eram reconhecidos como protagonistas do próprio processo, com espaço para explorar, criar e superar dificuldades, demonstravam maior motivação e engajamento. Essa vivência dialoga com Piaget (1971), que ressalta a importância da interação ativa entre o sujeito e o objeto do conhecimento como base para o desenvolvimento cognitivo e emocional. A valorização dos esforços, e não apenas dos acertos, foi um fator determinante para a construção de uma autoimagem mais positiva.

Essas observações ainda se aproximam das contribuições de autores como Pérez (2012) e Oliveira (2017), que defendem a relevância de ambientes escolares afetivos, respeitosos e seguros como condição essencial para o fortalecimento da autoestima infantil. Em contextos escolares onde havia esse acolhimento, os progressos dos alunos foram mais visíveis e duradouros. Como afirma Bardin (2011), a autoestima influencia diretamente o modo como o aluno se posiciona diante dos desafios escolares, afetando tanto o desempenho acadêmico quanto a qualidade das relações interpessoais.

Dessa forma, os resultados observados indicam que práticas psicopedagógicas intencionais, aliadas a um ambiente escolar acolhedor, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento emocional e acadêmico dos estudantes, especialmente daqueles que apresentam sinais de baixa autoestima ou dificuldades de aprendizagem. O fortalecimento da autoestima, portanto, não deve ser visto como algo secundário, mas como parte central do processo educativo.

5. REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência adquirida ao longo de mais de uma década na educação mostrou que a autoestima é um elemento central no processo de aprendizagem e que seu fortalecimento deve ser uma prioridade no ambiente escolar. Mais do que uma questão emocional, trata-se de um alicerce que sustenta a motivação, a persistência diante das dificuldades e o prazer em aprender.

A partir da minha vivência como professora e psicopedagoga, percebo que o fortalecimento da autoestima deve ser parte integrante das práticas educativas, tanto na sala de aula quanto no atendimento clínico. A interação entre a psicopedagogia e a educação regular possibilita intervenções mais eficazes para garantir que todos os alunos tenham acesso a um ensino de qualidade, adaptado às suas necessidades individuais (ANTUNES, 2011).

Os depoimentos de mães, professores, educadores e educandos aqui apresentados confirmam que a autoestima influencia diretamente o modo como a criança se percebe, enfrenta desafios e interage com o conhecimento. A escola, em parceria com as famílias, tem o papel fundamental de oferecer um ambiente seguro, acolhedor e estimulante, onde o erro é compreendido como parte do processo de aprender e onde cada conquista, por menor que seja, é valorizada.

Recomenda-se, portanto, que as instituições de ensino invistam em programas de desenvolvimento socioemocional para fortalecer a autoestima dos estudantes e promover um ambiente mais inclusivo. A parceria entre professores, psicopedagogos e familiares é essencial para o sucesso dessas iniciativas, contribuindo para uma educação mais humanizada e eficiente.

Ao considerarmos a autoestima como um fator decisivo no desempenho escolar, damos um passo importante para construir uma educação que respeita os ritmos individuais, reconhece as potencialidades de cada aluno e promove o desenvolvimento integral. O olhar sensível, o incentivo constante e a escuta ativa devem ser ferramentas cotidianas do educador comprometido com uma aprendizagem significativa e transformadora. Como ressalta Zabala (1998), ensinar não se limita à transmissão de conteúdo, mas implica também em considerar os aspectos afetivos e motivacionais dos alunos, fundamentais para que a aprendizagem aconteça de forma plena e duradoura.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANTUNES, Celso. *Como desenvolver a autoestima na escola*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BAUMRIND, Diana. The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The Journal of Early Adolescence*, 1991.

BORUCHOVITCH, Evely. A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 5, n. 1, p. 31–36, 2001.

BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. *Motivação para aprender: aplicações no contexto escolar*. Petrópolis: Vozes, 2018.

BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. *Psicologia educacional no contexto da escola*. Petrópolis: Vozes, 2018.

BRANDEN, Nathaniel. *The six pillars of self-esteem*. New York: Bantam Books, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COOPERSMITH, Stanley. *Autoestima: a avaliação que a criança faz de si mesma*. 4. ed. São Paulo: EPU, 2002.

CRESWELL, John W. *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. 4. ed. Los Angeles: SAGE, 2014.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2001.

EPSTEIN, Joyce L. *School, family, and community partnerships: preparing educators and improving schools*. 2nd ed. New York: Routledge, 2011.

FAGUNDES, Tania Conceição. *Autoestima e aprendizagem: como promover o desenvolvimento pessoal e escolar*. São Paulo: Cortez, 2010.

FREITAS, R. S.; CARVALHO, M. S. A importância do ambiente motivador na aprendizagem escolar. *Revista Educação e Pesquisa*, v. 45, e194561, 2019.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOULART, Mendes C. O papel da educação socioemocional na inclusão escolar: uma abordagem necessária. *Revista Tópicos*, v. 2, n. 15, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14202042>.

HARTER, Susan. *The construction of the self: developmental and sociocultural foundations*. 2. ed. New York: Guilford Press, 2012.

MENDES, Karla L. Castelan; CASTELAN, Kléber L. A influência da autoestima no desempenho escolar. *Revista de Psicologia da Universidade Federal do Ceará*, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 121–132, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28211>. Acesso em: 4 jun. 2025.

MUSZKAT, Mauro; MOURA, Rita; GUIMARÃES, Claudia. *Desenvolvimento infantil e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica*. São Paulo: Memnon, 2003.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento — um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 2017.

PÉREZ, Lourdes Atié. *Educação e subjetividade: práticas escolares e constituição de identidades*. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, Jean. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1971.

ROSENBERG, Morris. *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press, 1965.

SCHUNK, Dale H.; DIBENEDETTO, Maria K. Motivation and social-emotional learning: theory, research, and practice. *Contemporary Educational Psychology*, v. 60, p. 101830, 2020.

SCHUNK, Dale H.; DIBENEDETTO, Maria K. *Motivation and social-emotional learning: theory, research, and practice*. New York: Routledge, 2020.

SELIGMAN, Martin E. P. *Felicidade autêntica: usando a nova psicologia positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SELIGMAN, Martin E. P. *Flourish: a visionary new understanding of happiness and well-being*. New York: Free Press, 2011.

TIBA, Içami. *Quem ama, educa!.* São Paulo: Gente, 2006.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.